

2010/11/26

## O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

### 4. A DEFESA ANTIMÍSIL NA ALIANÇA

Na Cimeira dos 60 anos da Aliança, que teve lugar em Estrasburgo/Kehl, foi reconhecido e reafirmado que a proliferação de mísseis balísticos coloca uma crescente ameaça às Forças, territórios e população dos Aliados, sendo que a defesa antimísil (MD) constitui parte de uma resposta mais alargada para conter essa ameaça. Mas, ao falarmos em MD na NATO temos de abordar o tema em três grandes áreas: Defesa de Teatro; defesa Territorial; e cooperação com a Rússia.



Os sistemas MD, que descreveremos adiante, estão a ser desenvolvidos para fazer face a uma possível ameaça de mísseis balísticos e, em Estrasburgo/Kehl, com base na análise técnica e político-militar, foi decidido que a ameaça deveria ser abordada por prioridades, motivo pela qual se entende que no imediato, a principal ameaça balística que a Aliança poderá enfrentar é proveniente do Médio-Oriente, nomeadamente do Irão. Vejamos no que se traduz essa ameaça.

#### a) A possível ameaça

Mark Fitzpatrick[2] considera que há evidências que o Irão procura uma capacidade de armas nucleares devido, sobretudo, ao ambiente de secretismo em que o seu programa nuclear está envolvido; à falta de lógica económica das suas aquisições; ao desenvolvimento tecnológico de mísseis balísticos; e, aos laços militares para o programa e actividades relacionadas com o nuclear.

Actualmente o Irão tem potencial conhecimento científico e tecnológico para desenvolver armas nucleares, porém ainda não efectuou qualquer teste nuclear, pelo que ainda não possui qualquer munição nuclear operacional, validada e testada que possa ser utilizada como ADM. Todavia, o Irão desde Agosto de 2010 tem em funcionamento uma central nuclear em Bushehr, tendo previsto um programa de edificação de mais 19 instalações idênticas.

De acordo com o East-West Institute[3], o Irão desenvolve programas de enriquecimento de urânio 235 e de produção de plutónio 210 e 239[4] e, será capaz de desenvolver, construir e testar um engenho nuclear de um desenho simples, em dois ou três anos, após a decisão para o executar, podendo levar cinco anos para transitar de um engenho simples para o desenvolvimento de uma ogiva nuclear capaz de ser acoplada num míssil balístico.

Em paralelo com o programa nuclear, o Irão desenvolve mísseis balísticos, com o objectivo aparente de ser capaz de projectar ogivas nucleares para além das suas fronteiras. O desenvolvimento do seu programa de mísseis balísticos remonta aos anos oitenta, aquando da guerra com o Iraque, tendo desde então desenvolvido os mísseis de classe Shahab 1, 2 e 3, e o Ghadr-1 Kavosghar (uma evolução do Shahab 3), de combustível líquido, estando a desenvolver o Sajjil 2, míssil de combustível sólido, com alcance estimado de 2200 km[5] e capaz de transportar uma ogiva de 750 kg.

A versão de três fases de combustível sólido Sajjil 2, capaz de transportar uma ogiva de uma tonelada a mais de 3700 km está a cerca de quatro ou cinco anos da sua operacionalidade, pelo que provavelmente, o Irão não será capaz de atingir alvos na Europa Ocidental antes de 2014 ou 2015 e, prevê-se que só em 2020 tenha desenvolvido o seu conceito de ICBM (mais de 5500 km de alcance)[6].

As capacidades tecnológicas dos vectores de projecção iranianos incluem, neste momento, a possibilidade de colocação de satélites em órbita, pois recordamos que a 2 de Fevereiro de 2009 o Irão efectuou lançamento do satélite Ormid com o SAFIR Space Launch Vehicle (essencialmente idêntico ao Ghadr-1 Kavosghar), não há, no entanto, evidências que o satélite tenha sido colocado em órbita. Estes vectores de projecção têm alcances para atingir países na Europa de Leste, no Médio-Oriente e partes da Rússia, basta adaptá-los para transportar uma ogiva.

Porém, e segundo Mark Fitzpatrick[7], devido à sua pouca precisão, a utilidade militar operacional de mísseis balísticos do Irão é muito limitada. Contudo, em nosso entender, o papel desempenhado por estes mísseis vai além do seu valor operacional, é essencialmente político-estratégico,

residindo aqui a nossa principal diferença em relação a Fitzpatrick; mesmo sem grande precisão, se os mísseis estiverem armados com ogivas químicas, biológicas ou nucleares, o seu efeito será sempre devastador no âmbito psicológico e das percepções, e é neste domínio que hoje a guerra, como forma superior de política, se desenrola. Além do mais, o tornarem-se úteis militarmente será uma questão de tempo, dado que há um incrementar contínuo das suas capacidades e tecnologias.

Esta, recordamos, é uma ameaça hipotética, pois apesar de o Irão desenvolver todas estas capacidades, não há evidência que procure ameaçar territórios, Forças ou populações da Aliança.

#### b) O Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence

O Programa do Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence (ALTBMD) tem em vista o desenvolvimento de uma capacidade de defesa antimíssil, capaz de conferir protecção às forças NATO, fundamentalmente para mísseis balísticos com alcances até 3000 Km[8]. O estudo de viabilidade deste Programa foi lançado em Julho 2001 como resposta à proliferação das tecnologias ligadas ao emprego de mísseis balísticos e à existência de equipamentos capazes de alcançar partes do território da Aliança (podendo, mesmo, transportar ADM). Em Março de 2004, o Conselho do Atlântico Norte aprovou o programa ALTBMMD que foi posteriormente ratificado pelos Chefes de Estado e de Governo na Cimeira de Istambul[9].

Já na Cimeira de Estrasburgo/Kehl se definiu que era necessário:

“(…) identificar e concretizar o trabalho político, militar e técnico relacionado com a possível expansão do papel do programa Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence (...) para além da protecção de Forças projectadas e incluir defesa territorial antimíssil (...) apresentar recomendações compreendendo arquitecturas alternativas a partir de elementos de arquitecturas já estudadas de forma a serem consideradas na próxima Cimeira [Lisboa](...)”.

Posteriormente é afirmada a disponibilidade para explorar o potencial de ligação entre sistemas de defesa antimíssil dos Estados Unidos, da NATO e da Rússia, no momento apropriado, sendo ainda encorajada a Rússia a tirar partido das propostas de cooperação com os EUA[10].

Este programa desenvolve-se por fases de implementação e baseia-se na integração dos diferentes sistemas em uso nas nações NATO. A actual fase designa-se de Interina e deve estar pronta em finais de 2010, seguida de uma Initial Operational Capability, para apoio à NATO Response Force, à qual se segue uma Full Lower Layer TMD C2, implementada através da estrutura de comandos fixa e móvel da Aliança; e, por último, a Integrated Upper/Lower Layer C2. A arquitectura final espera-se que seja atingida em 2017.

De momento os estudos decorrem para verificar a viabilidade da integração deste sistema no novo sistema norte-americano, sendo que o ALTBMMD, se autorizada a sua expansão, pode vir a constituir a base do sistema de defesa antimíssil territorial da Aliança.

#### c) Defesa antimíssil Territorial

Foi na Cimeira de Praga em 2002 que foi decidido o lançamento de um estudo de exequibilidade do ambicioso projecto do Territorial Missile Defence, que tem como objectivo proteger não só as Forças como o território e as populações das nações da Aliança. Tal como o programa ALTBMMD, o MD Territorial está orientado para fazer face a mísseis balísticos.

Em Riga[11], os Chefes de Estado e de Governo acolheram com agrado o estudo iniciado em Praga, que concluiu ser tecnicamente exequível para a Aliança desenvolver uma capacidade de MD, e decidiram que se deveria continuar o trabalho sobre as implicações políticas e militares para a Aliança, da defesa antimíssil, incluindo uma actualização das ameaças.

Na Cimeira de Bucareste[12], reconheceu-se o contributo norte-americano para a protecção conferida aos membros da Aliança e, tendo por base a indivisibilidade da segurança dos Aliados, foi atribuída ao Conselho a tarefa de desenvolver opções para uma arquitectura global de defesa antimíssil que conferisse cobertura a todos os territórios e populações dos Aliados europeus, não abrangidos pelo sistema dos EUA[13].

Na época, para complementar a estrutura do sistema dos EUA e ter a possibilidade de conferir a cobertura desejada, os norte-americanos negociaram a instalação duma estação radar e um “site” de intercepção (10 interceptores), respectivamente na República Checa e na Polónia. Simultaneamente propuseram que fossem identificadas opções no quadro da Aliança, para complementar o seu sistema de MD.

Entretanto, a 17 de Setembro de 2009, o Presidente Obama apresentou o novo sistema de defesa

antimíssil, o que veio alterar o progresso dos trabalhos na NATO. A solução agora apresentada caracteriza-se, essencialmente, por se desenvolver em quatro fases e foi designada como Phased Adaptive Approach (PAA)[14].

O projecto teve por base, por um lado, uma reavaliação da ameaça balística, nomeadamente por o Irão progredir mais rapidamente do que estava inicialmente previsto na sua capacidade de produção de mísseis de curto e médio alcance, e, por outro lado, para aproveitar novas tecnologias surgidas nos últimos 5 anos – os navios Aegis com interceptores SM-3 Block I-A – para fazer face à ameaça. Nesta ordem de ideias, à luz da nova definição de prioridades políticas, impunha-se uma revisão da arquitectura de defesa antimíssil.

O sistema antimíssil dos EUA que está fundamentalmente orientado para fazer face a mísseis balísticos, representa o contributo norte-americano para o esforço da Aliança e confere uma cobertura substancial do seu território europeu, sendo ainda coerente com as decisões políticas já tomadas, e compatível com os contributos nacionais já adquiridos ou em vias de aquisição, nomeadamente navios, interceptores e radares terrestres, navais e aéreos. A Roménia e a Polónia concederam, entretanto, facilidades para instalação nos seus territórios dos Mísseis SM-3 em 2015 e 2018 respectivamente, e que integram a componente europeia do PAA. Entretanto, ficará sediado na República Checa um Centro de Alerta Precoce, e não como no projecto anterior, um radar, inviabilizado politicamente pela sua não aprovação na Câmara dos Deputados, embora aprovado pelo Senado.

Para os norte-americanos, esta nova abordagem terá menores custos, será mais flexível e adaptável, apresenta uma maior capacidade de sobrevivência e garantirá o princípio fundamental da indivisibilidade da Segurança para todos os membros da Aliança, sendo que, em relação à proposta anterior, esta nova arquitectura desenvolve-se face à evolução da ameaça, tendo sido decidido que a prioridade na resposta deve antes incidir sobre os mísseis de curto e médio alcance, relativamente aos quais o Irão já dispõe de capacidade desenvolvida. Quanto aos mísseis intercontinentais, a revisão efectuada concluiu que o acesso a uma tecnologia fiável e disponível não será uma realidade, no curto e médio prazo.

No que diz respeito às implicações para a estrutura em estudo na Aliança - o ALTMBD - os EUA estão convictos de que sistema norte-americano poderá adaptar-se bem a uma integração com o sistema que a NATO vier a desenvolver, aventando a possibilidade de surgirem mais áreas de cooperação e inclusive uma redução de custos devido à substituição de um grande número de componentes por uma só, com maior capacidade.

Numa óptica da Aliança, em geral, afigura-se que o objectivo da protecção de todo o território e populações europeias parece merecer agora maior destaque do que no anterior plano. A nova proposta, uma vez que lidará com uma ameaça concreta no curto e médio prazo, faz sentido militarmente, é potencialmente mais integrável no desenvolvimento do ALTMBD, e também, eventualmente, mais aceitável pelas autoridades russas.

Este novo Sistema está ainda em sintonia com o novo START. Segundo Washington, aquele Tratado não impõe nenhuma limitação aos testes, ao desenvolvimento ou à instalação de sistemas de defesa antimísseis dos Estados Unidos, que estejam programados ou em curso de o ser. Podemos verificar logo no preâmbulo do Tratado o reconhecimento da relação entre armas estratégicas ofensivas e defensivas e que "(...) current strategic defensive arms do not undermine the viability and effectiveness of the strategic offensive arms of the Parties (...)", não sendo, assim, incluído o sistema Anti-míssil. Parece-nos ainda interessante referir a linguagem que é introduzida e que limita o uso dos ICBM e SLBM para a adaptação a interceptores antimíssil, bem como a situação inversa, salvaguardando no entanto que "(...) This provision shall not apply to ICBM launchers that were converted prior to signature of this Treaty for placement of missile defense interceptors therein (...) "[15].

Todo este sistema deve ser avaliado de uma forma global, inserido no âmbito de uma estratégia de dissuasão norte-americana que engloba diversos parceiros. Na Ásia o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan; no médio oriente Israel, Arábia Saudita, Kuwait e Turquia e na Europa a Alemanha, Holanda, Espanha e Grécia, todos dotados de sistemas Patriot. De lembrar que a Espanha e Noruega possuem também navios Aegis.

Esta questão não pode também ser desligada da presença nuclear norte-americana na Europa. Enquanto esta se mantiver, a NATO deve desenvolver o MD como um elemento da sua postura defensiva cada vez mais importante, acrescentando assim um importante vector de dissuasão pela negação. Um sistema MD efectivo pode ser complementar e eventualmente, a seu tempo, o substituto da nuclear sharing, como meio de manter os EUA empenhados na Defesa Europeia;

acresce que alguns Estados-Membro, como já referimos, não sentirão a necessidade de desenvolverem os seus próprios meios nucleares, e ainda, este sistema MD não manterá na Aliança o estatuto diferenciador entre países nucleares e não nucleares.

#### d) Cooperação com a Rússia

De entre os programas em curso no âmbito do NATO Rússia Council (NRC), é de destacar a cooperação a nível Theatre Missile Defence (TMD). Este programa tem como objectivo conseguir a interoperabilidade entre os meios da Rússia e da NATO, com o consequente aumento da eficácia global do sistema. Dos objectivos iniciais constava a intenção de interligar, quando apropriado, os sistemas da Rússia ao ALTBMD[16].

A anterior iniciativa dos EUA, para instalação do 3º “site” MD na Europa, teve consequências no desenvolvimento dos trabalhos do NRC-TMD. Com a colocação deste sistema na Europa, sobretudo à porta da Rússia, Moscovo entendeu que se alterava o equilíbrio geoestratégico existente até ao momento, prejudicando não só relações entre a Rússia e os EUA, mas, também, entre a Rússia e a NATO, qualificando como incompreensível a utilidade real do referido sistema.

A situação na Geórgia levou também a um arrefecimento nas relações, agravadas pelo anúncio que a Rússia prepara a instalação de Mísseis Iskander, de curto alcance, no seu enclave de Kalinegrado e pela apresentação da sua nova doutrina militar a 5 de Fevereiro[17].

A mais recente doutrina militar russa considera um dos principais perigos para a sua segurança[18] o facto de a NATO mover as suas infra-estruturas militares para mais perto das fronteiras da Federação Russa, em paralelo com o desenvolvimento do eventual sistema antimíssil, perturbadores da actual estabilidade e alinhamento no campo do nuclear, bem como da militarização do espaço e a projecção de sistemas de armas estratégicas não nucleares. A Rússia reserva o direito de empregar armas nucleares em resposta à utilização deste tipo de armas ou de qualquer outro tipo de ADM contra si ou contra os seus Aliados, ou também de qualquer outro tipo de armas contra a Federação, desde que a existência do Estado esteja sobre ameaça. Curiosamente, na principal tarefa atribuída às suas Forças Armadas, para além da prevenção de conflitos militares, nucleares e não nucleares, deixa a “porta aberta” para negociações no que ao MD diz respeito, pois admite a possibilidade da criação de mecanismos para a regulação e cooperação bi e multi-lateral neste âmbito. Lembremos as negociações bilaterais com os EUA para a negociação do novo START e a promessa de manterem futuras negociações sobre este e outros assuntos relativos ao nuclear, desarmamento e controlo de armamento. Por fim, a nova doutrina militar russa contém um adendum classificado sobre o uso do nuclear, pelo que o seu emprego permanece pouco claro.

Mas porquê a preocupação e a insistência com o envolvimento russo? Com efeito, a Rússia possui capacidades de detecção, identificação e tracking de um qualquer disparo, que seriam não só um contributo útil, como um corte nos custos de todo o projecto MD territorial. Esta cooperação é ainda fundamental pelas consequências associadas aos destroços que surgirão após a intercepção/destruição de um qualquer míssil cujo alvo se localize em certas regiões da Europa, uma vez que o território russo terá a probabilidade de ser o território mais afectado.

Os EUA referem e forçam mesmo no seio da Aliança esta eventual cooperação com os russos na partilha de informação e na área dos radares, aproveitando a sua oferta, em 2007, de utilização das instalações em Kabala (Azerbaijão), e, em Armavir (Rússia), devido à sua capacidade para uma detecção precoce de lançamentos a partir do Irão[19]. Por outro lado, norte-americanos consideraram a possibilidade de renunciar ao projecto em troca de a Rússia dar o seu contributo para evitar o desenvolvimento nuclear iraniano, nomeadamente o programa de mísseis de longo alcance.

Apesar de os EUA e NATO garantirem à Rússia que o programa MD não se destina a fazer face àquela nação, mas fundamentalmente à ameaça crescente do Irão, os russos, caso não sejam membros activos no processo, rogam-se no direito de considerar ameaça todo o míssil que cruzar o seu espaço e de tomar as medidas que entenderem por adequadas, assumindo actualmente uma posição interessante, definida pelo seu Representante Permanente junto da Aliança, Embaixador Rogozin como de “trust but verify”. Tudo depende do papel que lhe for atribuído e do grau de participação no processo de decisão.

#### e) A defesa antimíssil e o novo Conceito Estratégico

Na reunião de Ministros de Negócios Estrangeiro em Tallin[20], ficou estabelecido, que em Lisboa, se decidiria ou não sobre uma missão antimíssil para a Aliança. Já Hillary Clinton e Robert Gates vêm defendendo esta situação e que a Aliança deve suportar os custos da expansão do ALTBMD para capacidade territorial. Esta capacidade fortalecerá a coesão da Aliança, o Art.º 5 e garantirá a

sua segurança.

No relatório do Grupo de Peritos considera-se que a defesa de um qualquer ataque proveniente do Irão, transformou o MD numa Missão essencial da Aliança. O relatório salienta ainda o importante contributo do PAA, bem como o incrementar da dissuasão e da partilha de responsabilidades transatlânticas. Reafirma-se ainda que este sistema não é dirigido contra a Rússia, mencionando a necessidade de uma estreita cooperação.

Surgem, no entanto, vozes contraditórias e mais cautelosas quanto a esta nova missão, nomeadamente da França, que, em Praga, aprovou a decisão de conduzir um estudo sobre a exequibilidade de um sistema para a protecção de Forças, centros populacionais e território europeu da Aliança[21].

O Ministro da Defesa, Hervé Morin, talvez bem aconselhado pelos escritos de Samaan e Gompert[22], compara o sistema MD à linha Maginot, que pode induzir numa falsa percepção de segurança e que coloca a NATO numa posição de esperar pelo ataque para se poder defender. Aqueles autores consideram ainda que este sistema pode, em simultâneo, reduzir a confiança para se efectuar um ataque contra a Aliança, e, ao mesmo tempo, incrementar a credibilidade de uma retaliação nuclear, e, pode ainda, aumentar a confiança no seio da Aliança para um ataque convencional contra um estado nuclear, não receando resposta nuclear.

A França, apesar do apoio a um sistema de defesa antimíssil, é muito crítica quanto às opções de Arquitectura e respectivos custos. Face aos constrangimentos orçamentais, considera difícil suportar uma capacidade incerta, apenas confiável para ataques de pequena escala e com meios pouco sofisticados; porém, entendemos que o grande motivo se prende com o acesso a tecnologia norte-americana e ao envolvimento das indústrias de defesa francesas no projecto. Nos seus discursos, o actual Presidente francês é claro ao mencionar:

“(…) Let us not lose sight of the fact that missile defence will never be efficient enough to protect our vital interests. On this issue, France has chosen a pragmatic approach. It is in this spirit that we are taking part in the collective work of the Atlantic Alliance - dear Hervé Morin. We have solid technical know-how in this area that could be taken advantage of when the time comes (…)”[23].

Na Aliança, o debate em torno do MD também nos aparece associado ao desarmamento nuclear, surgindo abordagens que interpretam esta capacidade como indutora de proliferação, e outras com uma visão oposta, que se as potências nucleares possuem estes meios e estes forem confiáveis, conduzirá sim a um desarmar progressivo, sendo proposta uma abordagem cooperativa do MD com a Rússia e mesmo a China[24].

Em vésperas da Cimeira em Lisboa, consideramos ainda ser possível negociar um acordo para que a Aliança passe a desempenhar uma missão de defesa antimíssil, assim o queiram os franceses. Se estes, de facto, aceitarem, fará sentido também participarem na capacidade dissuasora da NATO.

## 5) O Regresso da Dissuasão nuclear

Com o regresso dos temas nucleares à Agenda internacional e com a imposição do MD na Aliança, houve outro tema, que tinha caído no esquecimento, que reaparece com um novo vigor: a dissuasão.

Para Sauer[25] o conceito de dissuasão está hoje desgastado por diversos factores como, entre outros: a proliferação horizontal; o terrorismo; o tabu nuclear e a defesa antimíssil. Quanto ao primeiro factor, podemos considerar que desde 1945 a dissuasão nuclear não impediu outros Estados de se armarem nuclearmente numa média de, em cada sete anos, aparecer um novo país com capacidades nucleares. Após a Guerra-Fria, como vimos, tem havido um incremento da proliferação quer pelo prestígio que adquire quem possui esta capacidade, quer pela protecção que confere, sendo que muitos dos países proliferadores enfrentam grande instabilidade política interna (Paquistão), com todos os riscos associados de falta de controlo e de eventual transferência desta capacidade para actores estatais ou não estatais.

Quando se trata de aplicar o conceito tradicional de dissuasão ao terrorismo e a outros actores não-estatais, temos sempre a tendência de considerar que esta é uma estratégia que não se aplica[26], arranjando argumentação em torno da falta de racionalidade desses actores, confundido aqui com o conceito de razoabilidade[27], esquecendo que um conceito não implica o outro e, considerando que racional é o actor que segue a “nossa” lógica estratégica, esquecendo também que a sua racionalidade está assente em outros valores e princípios. Assim, devemos ter sempre presente o princípio base desta estratégia, que só sabemos se funciona “(…) when it does in the minds of enemy leaders, it is their world view, not ours, that must determine whether or not deterrence succeeds

(...)"[28].

Nesta ordem de ideias, se tivermos a garantia de comunicação, ou seja, que a mensagem transmitida é percebida e de que o processo de decisão desses actores é baseado sempre no custo/benefício da acção, deve-se aplicar a dissuasão através da negação de alvos ou pela punição das lideranças destes actores. No fundo, será estruturar a dissuasão à ameaça e mostrar que a concretização de um ataque não é uma modalidade de acção a adoptar.

O tabu nuclear também tem desgastado a dissuasão uma vez que se relaciona com o impedimento "moral" e com os custos políticos de um qualquer líder dos P5 utilizar este armamento. Desde 9 de Agosto de 1945 que nenhuma arma nuclear foi empregue, mesmo em Teatros de Operações onde as baixas foram significativas.

Há ainda a tese que defende que o MD não reforça a dissuasão nuclear, antes pelo contrário, pois esta capacidade pode induzir numa percepção que a capacidade nuclear já não é capaz de concretizar o seu papel. Sauer[29] defende ainda que, se os sistemas MD, ainda em desenvolvimento, não funcionarem, o que temos são dois sistemas débeis e, mesmo que adversário acredite no real funcionamento do sistema, para o quebrar, apenas desenvolverá mais armamento nuclear, conduzindo, assim, a uma corrida ao armamento. Opinião com a qual discordamos, dado que, por um lado, é o MD que conduz a dissuasão ao seu topo, pela negação, impedindo ou dificultando as intenções, a quem quer que seja, de concretizar um ataque, uma vez que os seus meios serão destruídos; por outro lado, a quem defende ainda fica a capacidade de retaliação nuclear. Além do mais uma das bases doutrinárias da dissuasão, que se desenrola num ambiente de incerteza, é o acreditar na capacidade e credibilidade dos sistemas.

Assim, o critério da suficiência da dissuasão passou a ser a capacidade das forças nucleares penetrarem no sistema de defesa antimíssil inimigo, sendo esta preocupação ainda mais evidente após a assinatura do Novo START[30].

Na Aliança continua em vigor o conceito de Extended Deterrence norte-americano, porém abordado de uma nova forma, onde forçosamente temos de incluir as diferentes perspectivas dos Aliados, que continuam a confiar nas garantias dadas. Assim, requiere-se um olhar mais atento para os novos desafios como a Proliferação e o Terrorismo nuclear, mas também pelo papel mais assertivo da Rússia, com um novo enfoque no uso de armas nucleares, o que determina/condiciona a postura de alguns Aliados.

Foi durante a presidência de Putin, entre 2000 e 2008, que a Rússia veio a reafirmar a sua intenção de se manter associada ao nuclear como garante da sua independência, segurança, soberania e, sobretudo, para a sua reafirmação como grande potência na cena internacional, tendo o então Presidente russo afirmado "(...) Our country's nuclear potential is of vital importance for our national security interests. The reliability of our 'nuclear shield' and the state of our nuclear weapon complex are a crucial component of Russia's world power status (...)"[31]. Posteriormente, em 2009, o General Leonid Ivashov, de forma a contrabalançar as vantagens norte-americanas em Forças convencionais, enfatizou que a Rússia não tem alternativa às armas nucleares[32], tendo recentemente aquele país confirmado as suas intenções de implementar uma nova doutrina para a preservação da sua tríade estratégica nuclear, orientada para a dissuasão[33].

Dentro dos Aliados, destacamos a França com a reafirmação de uma estratégia de dissuasão, encarada como um pilar da sua soberania e do seu papel de actor global[34]. Sarkozy considera mesmo que: "(...) tomorrow, technological breakthroughs may create new threats. That is why we are so attached to our nuclear deterrent. It is strictly defensive (...)", associando a MD como um complemento da estratégia de dissuasão francesa, salientando que "(...) In order to preserve our freedom of action, missile defence capabilities against a limited strike could be a useful complement to nuclear deterrence, without being a substitute for it (...)"[35], aqui juntando-se ao discurso dos governantes norte-americanos, para quem a estratégia de dissuasão para o Século XXI passa pela capacidade de MD.

Assim, na impossibilidade de se caminhar para uma Post-existential deterrence[36] e de forma a continuar a assegurar as suas garantias de defesa, a Aliança deve adoptar uma Holistic Deterrence, que inclua capacidades convencionais, nucleares e agora o MD, ciente da necessidade de, a partir destas capacidades, dever adoptar uma credível Tailored Deterrence, o que implica diferentes formas e opções de dissuasão para diferentes confrontações e diferentes adversários[37], pois no fim, são os Aliados que decidem sobre a suficiência da credibilidade dessas garantias.

#### Algumas Conclusões

ANATO e os seus membros vivem actualmente o dilema entre a dissuasão nuclear ou o

desarmamento. O desarmamento nuclear total só pode ser alcançado se conseguirmos uma arquitectura de segurança colectiva funcional, assente numa paciente criação de medidas de confiança e num complexo regime de verificação. No entanto, acreditamos que num futuro previsível, a Aliança não será capaz de dispensar as armas nucleares como um componente de uma dissuasão eficaz e fiável, sendo, porém, fundamental encontrar um compromisso político.

Apesar das diferentes perspectivas no seio da Aliança, devemos avaliar criticamente como a componente nuclear pode ser adaptada aos actuais desafios de segurança, ao extrair do Plano de Acção do NPT elementos para o futuro da NATO, como o compromisso inequívoco com a meta de longo prazo de um mundo livre de armas nucleares, cientes de que um mundo sem armas nucleares, não será alcançado do dia para a noite. Neste compromisso é imperioso ser mantido um estreito diálogo com a Rússia, extensível também à defesa antimíssil.

Mas, neste debate sobre política nuclear e a adopção ou não de uma missão antimíssil, o mais importante é a garantia de manutenção da foot print norte-americano no Velho Continente, essa é a verdadeira importância político-estratégica da Extended Deterrence e do programa da defesa antimíssil.

#### Bibliografia e outras Fontes:

- ALLISON, Graham (2010) – Nuclear disorder. Surveying Atomic Threats. In, Foreign Affairs, January/February, p. 74-85.
- ANTHONY, Ian (2010) - The future of nuclear weapons in NATO: a SIPRI study. Apresentação efectuada durante a Annual NATO Conference on WMD Arms Control, Disarmament and Non-Proliferation, realizada em Praga em Junho de 2010.
- BALL, Deborah; GERBER, Theodore (2005) - Russian Scientists and Rogue States: Does Western assistance reduce the Proliferation Threat? In, International Security, Vol. 29, N.º 4.
- Comparative Strategy (2010) -, Vol. 29. N.º 1-2, Jan-Fev, Routledge.
- DAVIS, Paul; JENKINS, Brian (2002) – Deterrence and the influence in counterterrorism: A component in the war on al Qaeda. RAND Corporation, Santa Mónica.
- EASTWEST INSTITUTE (2009) – Iran’s Nuclear And Missile Potential. A joint Threat assessment by US And Russian Technical Experts. Brussels.
- FERGUSON, Charles (2010) - The long road to zero Overcoming the obstacles to a Nuclear free World. Foreign Affairs, January/February, pp. 86. 94.
- FITZPATRICK, Mark (2010) - Iran’s Ballistic Missile Capabilities: A net assessment. International Institute for Strategic Studies, London.
- GRAND, Camile (2010) - The Non-Proliferation Treaty in an era of proliferation crises. In Nuclear weapons after the 2010 NPT Review Conference, Chaillot Paper - n.º 120, April 2010, pp. 13-35.
- GRAY, Colin (2009) – National Security Dilemmas. Challenges & Opportunities. Potomac Books, Washington.
- JOHNSON, Rebecca (2010) – The 2010 NPT Review Conference: Moving beyond partial non-proliferation approaches. Apresentação efectuada durante a Annual NATO Conference on WMD Arms Control, Disarmament and Non-Proliferation, realizada em Praga em Junho de 2010.
- KENNEDY, Laura (2010) - The NPT Review Conference and disarmament: a participant’s perspective, efectuada durante a Annual NATO Conference on WMD Arms Control, Disarmament and Non-Proliferation, realizada em Praga.
- LA DOCUMENTATION FRANÇAISE (2008) – Defense et Sécurité Nationale. Le livre blanc.
- LANTIS, Jeffrey (2009) - Strategic Culture and Tailored Deterrence: Bridging the Gap between Theory and Practice. In Contemporary Security Policy, N.º 3, Dezembro.
- MOWAT-LARSEN, Rolf (2010) – Al Qaeda Weapons of Mass Destruction Threat: Hype or reality?. Harvard Kennedy School, Cambridge.
- NATO DEFENSE COLLEGE (2010) – Workshop report – The future of NATO’s Nuclear Deterrent: The new Strategic Concept and the 2010 NPT Review Conference. Rome.

- NOGUEIRA, Franco (1993) – Juízo final. Civilização. Porto.
- QUINLAND, Michael (2007-08) – Abolishing Nuclear Armouries: Policy or Pipedream? In Survival, Vol. 49 No. 4, Winter.
- RUHLE, Michael (2010) – The bomb for beginners. A do-it-yourself guide to going nuke in a few easy steps. IP Global Edition, nº2. p. 37-40.
- SAMAN, Jean Loup; GOMPERT, Davis (2009) – French Nuclear Weapons, Euro-Deterrence, and NATO. In Contemporary Security Policy, Vol. 30, nº 3, December, pp. 486-504.
- SARAIVA, Francisca (2009) – Poder Militar e Agressão Armada em Ambiente Pós Bipolar: Análise Jurídico-Estratégica das “Guerras High-Tech” e das “Novas Guerras” nos discursos e práticas sobre agressão e legítima defesa. Tese de doutoramento, Lisboa: ISCSP
- SAUER, Tom (2009) – A Second nuclear revolution: From nuclear primacy to post existential Deterrence. Taylor and Francis.
- SMITH, Mark (2010) – Disarmament in the Anglo-American context. In Nuclear weapons after the 2010 NPT Review Conference, Chaillot Paper - nº120, April 2010, pp. 71-86.
- SIPRI (2010) – Yearbook, Stockholm.
- TERTRAIS, Bruno (2009) - Advancing the Disarmament Debate: Common Ground and Open Questions; In Abolishing Nuclear weapons: a debate. Carnegie Endowment. Brussels.
- THRANERT, Oliver (2009) – NATO Missile Defence and Extended Deterrence. In Survival, vol 51, nº 6 Dec/Jan, pp.63-76.
- TNO (2007) – Missile Defence, an overview. The Hague.
- TREZZA, Carlo – The Ban of Fissile Material for weapons purposes and the issue of nuclear fuel cycle. Apresentação efectuada durante a Annual NATO Conference on WMD Arms Control, Disarmament and Non-Proliferation, realizada em Praga em Junho de 2010.
- UNITED STATES DEPARTMENT OF DEFENCE (2010) - Nuclear Posture Review Report. Abril.
- Yael, Ronen (2010) – The Iran Nuclear Issue. Hart Publishing, Oxford And Portland.

#### Sítios na Internet

- CANBERRA COMMISSION (1996) - Report of the Canberra commission on the elimination of nuclear weapons. Disponível em <http://www.dfat.gov.au/cc/CCREPORT.pdf>.
- NAÇÕES UNIDAS (2004) – A more secure world: our shared responsibility - Report of the High-level Panel on Threats, Challenges and Change. [Em linha]. Disponível em <http://www.un.org/Pubs/chronicle/2004/issue4/0404p77.html>.
- PUTIN, Vladimir (2006) - Opening Remarks at Meeting With Heads of the Russian Nuclear Weapons and Nuclear Energy Complexes; In Novo-Ogaryovo, 9 de Junho, disponível no President of Russia Official Web Portal, [http://www.kremlin.ru/eng/text/speeches/2006/06/09/1952\\_type\\_82912type82913106757.shtml](http://www.kremlin.ru/eng/text/speeches/2006/06/09/1952_type_82912type82913106757.shtml).
- 2010 Review Conference of the Parties to the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons, disponível em [http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50 \(VOL.I\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50 (VOL.I))
- <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N10/396/79/PDF/N1039679.pdf?OpenElement>.
- <http://Prague.usembassy.gov/obama.html>.
- [http://russianforces.org/blog/2010/02/new\\_russian\\_military\\_doctrine.shtml](http://russianforces.org/blog/2010/02/new_russian_military_doctrine.shtml)
- [http://www.ambafrance-ng.org/france\\_nigeria/spip.php?article889](http://www.ambafrance-ng.org/france_nigeria/spip.php?article889).
- [http://www.ambafrance-ng.org/france\\_nigeria/spip.php?article889](http://www.ambafrance-ng.org/france_nigeria/spip.php?article889).
- <http://www.carnegieendowment.org/files/nuclear-paper.pdf>
- <http://www.defense.gov/npr/>.



- <http://www.dfat.gov.au/cc/CCREPORT.pdf>.
- <http://www.mda.mil/system/paa.html>.
- <http://www.minbuza.nl/dsresource?objectid=buzabeheer:200281&type=org>
- [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_52837.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_52837.htm?mode=pressrelease)
- [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_25468.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_25468.htm).
- [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_57218.htm?selectedLocale=en](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_57218.htm?selectedLocale=en)
- [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_8443.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm?mode=pressrelease).
- [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_52837.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_52837.htm?mode=pressrelease)
- <http://www.nato.int/docu/pr/2002/p02-127e.htm>
- <http://www.nato.int/docu/pr/2004/p04-096e.htm>
- <http://www.nato.int/issues/nuclear/sec-environment.html>.
- <http://www.nato.int/strategic-concept/expertsreport.pdf>
- <http://www.reachingcriticalwill.org/legal/npt/revcon2010/statements.html>.
- <http://www.state.gov/documents/organization/140035.pdf>.
- <http://www.state.gov/secretary/rm/2010/02/137118.htm>
- <http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1423>
- <http://www.nato.int/docu/pr/2002/p02-127e.html>
- IVASHOV, Leonid - Suspicious Haste in Reducing Arms. In, Nezavisimaya Gazeta Online, dia 6 de Julho. Disponível em: Open Source Center CEP20090706021008.
- Joint Declaration by Iran, Turkey and Brazil - Ministry of Foreign Affairs of Iran, Ministry of Foreign Affairs of Turkey, and Ministry of External Relations of Brazil, May 17, 2010. Texto disponível em [http://www.politico.com/static/PPM143\\_100517\\_iran\\_agreement.html](http://www.politico.com/static/PPM143_100517_iran_agreement.html).
- JONHSON, Rebecca (2010) – Assessing the 2010 NPT Review Conference. <http://www.acronym.org.uk/>
- SARKOSY, Nicolas (2008) Discurso em Cherbourg, a 21 de Março de 2008, aquando do lançamento à água do SSBN “Le Terrible”, disponível em [http://www.ambafrance-ng.org/france\\_nigeria/spip.php?article889](http://www.ambafrance-ng.org/france_nigeria/spip.php?article889).
- Treaty between the United States of America and the Russian Federation on measures for the further reduction and limitation of strategic offensive arms. <http://www.state.gov/documents/organization/140035.pdf>.
- WARREN, Catherine; Scott, L. (2009) - Getting to Zero Starts Here: Tactical Nuclear Weapons. [http://www.armscontrol.org/act/2009\\_10/Kelleher](http://www.armscontrol.org/act/2009_10/Kelleher).

[1] Tenente-Coronel de Infantaria. Agregado em Relações Internacionais. Actualmente a desempenhar as funções de Conselheiro Militar junto da DELNATO.

[2] FITZPATRICK, Mark (2010) - Iran's Ballistic Missile Capabilities: A net assessment. International Institute for Strategic Studies, London. No relatório elaborado por Fitzpatrick comparam-se o progresso do Irão com o desenvolvimento de mísseis de programas noutros países. O processo avalia os tipos de mísseis que o Irão pode tentar desenvolver no futuro, quanto tempo ele pode levar e quais as tendências observáveis e indicadores que permitem a outros países monitorizar o progresso do Irão, bem como desenhar plano de respostas adequadas.

[3] EAST-WEST INSTITUTE (2009) - Iran's Nuclear And Missile Potential. A joint Threat assessment by US And Russian Technical Experts. Brussels.

[4] Enriquecer a 20% permite ficar perto da capacidade de produzir armas; e com os actuais níveis de armazenamento de urânio enriquecido a 3,5%, possui o suficiente, uma vez enriquecido, para duas

armas nucleares. Em 2010 foi publicado um estudo muito completo de YAEL, Ronen (2010) – The Iran Nuclear Issue. Hart Publishing, Oxford And Portland.

[5] Estes mísseis são idênticos aos norte-coreanos da classe Scud, sendo o Shahab -3 idêntico ao Ghauri 1 paquistanês e ao norte-coreano Nodong.

[6] Actualmente pode atingir alvos a cerca de 900 km das suas fronteiras com o Shahab-3, que tem uma carga nominal de 1.000 kg. O Ghadr-1, teoricamente, amplia o alcance do Irão para cerca de 1.600 km, com uma ogiva de 750 kg. Desenvolve agora uma nova gama média, de mísseis de combustível sólido, o Sajjil-2. O Irão é o único país que desenvolveu um míssil com estes alcances sem primeiro ter desenvolvido armas nucleares. O sistema de combustível sólido oferece muitas vantagens estratégicas, incluindo a ser menos vulneráveis graças ao seu menor tempo de lançamento e de preparação. Podemos detalhar em FITZPATRICK, op. cit.

[7] FITZPATRICK, op. cit.

[8] Podemos classificar os alcances dos mísseis em SRBM, curto alcance, até aos 1000 km, MRBM, médio alcance, entre os 1000 e os 3000 km; IRBM, intermédio, com alcances entre 3000 e 5500km, ICBM, intercontinental, com alcances superiores a 5500km.

[9] No documento podemos ler: "(...) we noted the approval of the principle of the establishment of a NATO Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence programme (...) and noted ongoing work by the NATO Military Authorities in relation to the defence of deployed NATO forces, including the NRF, against theatre ballistic missiles (...)". Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/2004/p04-096e.htm>.

[10] No texto da declaração final desta Cimeira foi afirmado: "(...) task the Council in Permanent Session to identify and undertake the policy, military and technical work related to a possible expanded role of the Active Layered Theatre Ballistic Missile Defence (ALTBMD) programme beyond the protection of NATO deployed forces to include territorial missile defence (...)". Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_52837.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_52837.htm?mode=pressrelease).

[11] No texto da declaração final desta Cimeira pode ler-se: "(...) It concludes that missile defence is technically feasible within the limitations and assumptions of the study. We tasked continued work on the political and military implications of missile defence for the Alliance including an update on missile threat developments (...)". Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/2006/p06-150e.htm>.

[12] Podemos consultar os detalhes no texto da declaração final da Cimeira em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_8443.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm?mode=pressrelease)

[13] Ao todo foram levantadas cinco opções possíveis: 1 - apenas sistema dos EUA; 2 - sistema dos EUA com "interface" para a estrutura C2; 3 - sistema dos EUA complementado com sistemas MD pertencentes aos sistemas ALTBM; 4 – Idêntico à segunda opção, acrescida de sistemas móveis e por um sistema de radares de vigilância móveis; 5 – Idêntica à segunda opção, acrescida de sistemas interceptores fixos e radares de vigilância e controlo de fogo.

[14] A partir de 2011, a operacionalização do projecto terá, essencialmente, por base os interceptores móveis SM-3 (Block IA) colocados a bordo de navios Aegis, e sensores como o AN/TPY2 no Mediterrâneo Oriental. Nesta fase o sistema destina-se a proteger de mísseis balísticos "regionais" que ameacem a Europa. A partir de 2015, numa segunda fase, o sistema será complementado por interceptores terrestres SM3-Block IB, localizados no Nordeste europeu e está preparado para fazer face a mísseis de curto e médio alcance. Até 2018 será efectuado o alargamento para o dobro da área de cobertura graças ao novo interceptor (SM-3 Block IIA) desenvolvido em cooperação com Japão e instalação três novos "sites", dois em terra (Polónia e Roménia) e um no Mediterrâneo. Nesta fase o sistema também terá novas capacidades de detecção e prevê a cobertura de todo o território e populações dos países da NATO contra MRBM/IRBM; Finalmente, em 2020, com os SM-3 Block IIB, o sistema deverá ter capacidade de interceptar mísseis intercontinentais, conferindo cobertura completa do território Europeu da Aliança. Podemos detalhar na documentação da Missile Defence Agency, disponível em: <http://www.mda.mil/system/paa.html>.

[15] Podemos ver o texto do Tratado em: Treaty between the United States of America and the Russian Federation on measures for the further reduction and limitation of strategic offensive arms, disponível em: [www.state.gov/documents/organization/140035.pdf](http://www.state.gov/documents/organization/140035.pdf).

[16] Na Cimeira de Bucareste foi explicitamente referido: "(...) We also commend the work already underway to strengthen NATO-Russia missile defence cooperation. We are committed to maximum transparency and reciprocal confidence building measures to allay any concerns. We encourage the Russian Federation to take advantage of United States missile defence cooperation proposals and

we are ready to explore the potential for linking United States, NATO and Russian missile defence systems at an appropriate time (...). Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/official\\_texts\\_8443.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm?mode=pressrelease). Em Estrasburgo/Kehl, na Cimeira do 60 aniversário, estes propósitos foram reafirmados. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_52837.htm?mode=pressrelease](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_52837.htm?mode=pressrelease).

[17] Podemos consultar a nova doutrina militar russa na internet, disponível em: [http://russianforces.org/blog/2010/02/new\\_russian\\_military\\_doctrine.shtml](http://russianforces.org/blog/2010/02/new_russian_military_doctrine.shtml)

[18] Na doutrina vem expresso :“(...) The main external military dangers are: a) the desire to endow the force potential of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) with global functions carried out in violation of the norms of international law and to move the military infrastructure of NATO member countries closer to the borders of Russian Federation, including by expanding the bloc (...) c) the deployment (buildup) of troop contingents of foreign states (groups of states) on the territories of states contiguous with the Russian Federation and its allies and also in adjacent waters (...)”.

[19] Como podemos verificar no NPR norte americano: “(...)A strategic dialogue with Russia will allow the United States to explain that our missile defenses and any future U.S. conventionally-armed long-range ballistic missile systems are designed to address newly emerging regional threats, and are not intended to affect the strategic balance with Russia (...)”.

[20] Como poderemos verificar na declaração final desta reunião. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_62852.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_62852.htm) ?

[21] No comunicado final da Cimeira em Praga foi referido: “(...) Examine options for addressing the increasing missile threat to Alliance territory, forces and population centres in an effective and efficient way through an appropriate mix of political and defence efforts, along with deterrence. Today we initiated a new NATO Missile Defence feasibility study to examine options for protecting Alliance territory, forces and population centres against the full range of missile threats, which we will continue to assess. Our efforts in this regard will be consistent with the indivisibility of Allied security. We support the enhancement of the role of the WMD Centre within the International Staff to assist the work of the Alliance in tackling this threat (...)”. Disponível em: <http://www.nato.int/docu/pr/2002/p02-127e.htm>

[22]SAMAAN, Jean Loup; GOMPERT, Davis (2009) – French Nuclear Weapons, Euro-Deterrence, and NATO. In Contemporary Security Policy, Vol. 30, nº 3, December.

[23] Ver a este propósito discurso de Sarkozy em Cherbourg, a 21 de Março de 2008, aquando do lançamento à água do SSBN “Le Terrible”, disponível em [http://www.ambafrance-ng.org/france\\_nigeria/spip.php?article889](http://www.ambafrance-ng.org/france_nigeria/spip.php?article889).

[24] COMPARATIVE STRATEGY, op. cit.

[25]SAUER, Tom (2009) - A Second nuclear revolution: From nuclear primacy to post existential Deterrence. Taylor and Francis.

[26] DAVIS, Paul; JENKINS, Brian (2002) – Deterrence and the influence in counterterrorism: A component in the war on al Qaeda. RAND Corporation, Santa Mónica.

[27] GRAY, Colin (2009) – National Security Dilemmas. Challenges & Opportunities. Potomac Books, Washington

[28] Idem.

[29] SAUER, Tom, op. cit.

[30] SARAIVA, Francisca (2009) – Poder Militar e Agressão Armada em Ambiente Pós Bipolar: Análise Jurídico-Estratégica das “ Guerras High-Tech” e das “ Novas Guerras” nos discursos e práticas sobre agressão e legítima defesa. tese de doutoramento, Lisboa: ISCSP.

[31] PUTIN, Vladimir (2006) - Opening Remarks at Meeting With Heads of the Russian Nuclear Weapons and Nuclear Energy Complexes; In Novo-Ogaryovo, 9 de Junho, disponível no President of Russia Official Web Portal, disponível em: <http://www.kremlin.ru/eng/text/speeches/2006/06/09/1952type82912type82913106757.shtml>.

[32] Podemos consultar detalhadamente as palavras do General Ivashov no seu artigo Suspicious Haste in Reducing Arms. In, Nezavisimaya Gazeta Online, dia 6 de Julho. Disponível em Open Source Center CEP20090706021008.

[33]Podemos consultar detalhadamente em:  
[http://russianforces.org/blog/2010/02/new\\_russian\\_military\\_doctrine.shtml](http://russianforces.org/blog/2010/02/new_russian_military_doctrine.shtml).

[34]SAMAAN e GOMPERT, op. cit.

[35] SARKOSY, Nicholas (2008) - Discurso em Cherbourg, a 21 de Março, aquando do lançamento à água do SSBN “Le Terrible”, disponível em [http://www.ambafrance-ng.org/france\\_nigeria/spip.php?article889](http://www.ambafrance-ng.org/france_nigeria/spip.php?article889).

[36] SAUER, op. cit.

[37] LANTIS, Jeffrey (2009) - Strategic Culture and Tailored Deterence: Bridging the Gap between Theory and Practice. In Contemporary Security Policy, N° 3, Dezembro. pp. 467-485. Este conceito aparece em documentos oficiais a partir de 2004, nomeadamente num sobre doutrina do Comando Estratégico norte-americano.

## **147 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/08/12**

### **OUTRA ESTRATÉGIA PARA CONTER O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/05/23**

### **AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/05/20**

### **AS RELAÇÕES OTAN-FEDERAÇÃO RUSSA**

*Pedro Santos Jorge[1]*

**2012/05/14**

### **“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/05/05**

### **A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/04/28**

### **A POSTURA NUCLEAR DA NATO. DA CIMEIRA DE LISBOA PARA CHICAGO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/04/15**

### **COMO SAIRÁ A COREIA DO NORTE DA HUMILHAÇÃO POR QUE PASSOU?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/04/07**

### **A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/25**

### **ISRAEL, EM PREPARATIVOS PARA UMA GUERRA CONTRA O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/24**

### **A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO**

*Pedro Santos Jorge[1]*

**2012/03/10**

### **COREIA DO NORTE, DE NOVO NO “NEGÓCIO” DE OBTENÇÃO DE AJUDAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/12/09**

### **O ABATE (OU QUEDA) DE UM UAV NO IRÃO. ACIDENTE OU OPERAÇÃO CLANDESTINA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/10/14**

## **A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/08/05**

## **COREIA DO NORTE. O QUE A TRAZ DE NOVO AO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/07/22**

## **DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/05/24**

## **A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)**

*Arthur Sá Anunciação[1]*

**2011/04/25**

## **ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]**

*Nuno Sardinha Monteiro[2]*

**2011/04/16**

## **A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/01/20**

## **QUE FAZER COM O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/01/17**

## **A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/12/13**

## **O IMBRÓGLIO COREANO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/12/09**

## **O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO .... À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/11/29**

## **O ENIGMA DA COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/11/25**

## **O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)**

*Francisco Proença Garcia[1]*

**2010/11/16**

## **A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA**

*Luís Brás Bernardino[1]*

**2010/11/07**

## **AS “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/10/18**

## **RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/10/09**

## **A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/09/24**

## **O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/09/21

**OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?**

*Rui Ribeiro Vieira[1]*

2010/09/17

**PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL**

*João Brandão Ferreira*

2010/09/05

**O IRÃO E A “RETIRADA” AMERICANA DO IRAQUE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/08/26

**DA DEFESA ANTI-MÍSSIL DE TEATRO PARA A DEFESA ANTI-MÍSSIL DA EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/08/19

**A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/08/11

**O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/07/25

**OS CAMINHOS ERRÁTICOS DA COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/06/02

**O ACORDO DE TEERÃO**

*Oliveiros S. Ferreira (Brasil)*

2010/05/24

**A MEDIAÇÃO BRASILEIRA NO CONFLITO COM O IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/05/18

**O RELATÓRIO ALBRIGHT**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/05/06

**ISRAEL E A REVISÃO DO TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO NUCLEAR**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/04/24

**O NOVO TRATADO START: NECESSÁRIO MAS ESTRATEGICAMENTE INSUFICIENTE**

*Maria Francisca Saraiva[1]*

2010/04/16

**DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/03/29

**O SONHO DO DESARMAMENTO NUCLEAR E A PRÓXIMA REVISÃO DO TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/03/22

**AS ARMAS NUCLEARES DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/03/15

**AS RELAÇÕES NATO/UE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2010/03/12

**OS PROGRAMAS NUCLEARES DO BRASIL E DO IRÃO: PONTOS DE TANGÊNCIA E AFASTAMENTO**

*Marcos Machado da Silva[1](Brasil)*

2010/03/08

**O IRÃO E A QUESTÃO NUCLEAR**

*André Pereira Matos[1]*

2010/02/08

**AS OPÇÕES DOS EUA EM RELAÇÃO AO IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/11/29

**BRASIL, NOVO PARTICIPANTE NA DISCUSSÃO DO PROBLEMA NUCLEAR DO IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/11/14

**COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?**

*Oliveiros S. Ferreira (Brasil)*

2009/11/12

**O CAMINHO NUCLEAR DO IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/09/30

**O 1 DE OUTUBRO E AS CONVERSÇÕES EM QUE NINGUÉM ACREDITA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/09/27

**A UTÓPICA LIÇÃO DE MIKAIL GORBATCHEV E A PRESENTE RESOLUÇÃO DE BARAK OBAMA CONTRA A PROLIFERAÇÃO NUCLEAR**

*Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)*

2009/09/21

**O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL E A QUESTÃO IRANIANA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/09/17

**INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]**

*Inês de Carvalho Narciso*

2009/09/14

**A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/09/01

**AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/07/28

**O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/06/15

**PORQUE QUER A COREIA DO NORTE SER UMA POTÊNCIA NUCLEAR? QUAL A DIMENSÃO DA SUA AMEAÇA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/06/14

**REDUÇÃO DE ARSENALS NUCLEARES: UM DILEMA RUSSO-NORTE-AMERICANO**

*Marcelo Rech[1](Brasil)*

2009/06/09

**AS HIPÓTESES DE NEGOCIAR COM A COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2009/05/14

**OS GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]**

*Victor Marques dos Santos[2]*

2009/05/13

## **A NATO[2]**

*Francisco Proença Garcia[1]*

**2009/05/10**

### **ARSENAIS NUCLEARES: UMA CHANCE PARA O MUNDO**

*Marcelo Rech[1] (Brasil)*

**2009/04/27**

### **COMBATE AO BIOTERRORISMO. PRIORIDADE NACIONAL?[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/04/07**

### **A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/03/12**

### **O DILEMA NORTE-AMERICANO NA EUROPA**

*Marcelo Rech[1](Brasil)*

**2009/02/01**

### **QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA**

*Luís Falcão [1]*

**2008/10/24**

### **RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/10/01**

### **A NATO, A UCRÂNIA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/09/06**

### **A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/08/27**

### **ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/08/20**

### **A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/08/14**

### **OS ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS**

*Luís Falcão*

**2008/08/11**

### **GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/07/20**

### **O IMPASSE IRANIANO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/07/08**

### **A COREIA DO NORTE – UMA “BAIXA” NO EIXO DO MAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/06/09**

### **A DEMISSÃO DO SECRETÁRIO E DO CHEFE DO ESTADO MAIOR DA USAF**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/04/26**

### **OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS**

*Pereira de Melo[1]*



2008/03/07

**QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2008/02/01

**QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2008/01/18

**A SEGURANÇA NUCLEAR NO PAQUISTÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2008/01/02

**AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA**

*Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício*

2007/12/28

**PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/12/27

**RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA**

*Marcelo Rech[1]*

2007/12/21

**KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/12/12

**A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/12/06

**UMA NOVA OPORTUNIDADE PARA O IRAQUE E PARA O IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/10/21

**DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA**

*Francisco José Leandro*

2007/10/16

**UM RADAR PARA "ASSAR" EUROPEUS?**

*Marcelo Rech[1]*

2007/10/11

**A GEÓRGIA E A NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/10/04

**A RÚSSIA PÓS PUTIN**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/09/27

**O MISTERIOSO RAID ISRAELITA (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/09/22

**O MISTERIOSO RAID ISRAELITA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/09/17

**UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/09/17

**AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE**

*Marcelo Rech[1]*

2007/08/14

**PODERÁ O IRÃO SER UMA POTÊNCIA REGIONAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/08/03

**RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA**

*Marcelo Rech[1]*

2007/07/29

**A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?**

*Nélia Rosário Ribeiro*

2007/07/19

**COREIA DO NORTE - NUMA ESTRATÉGIA DE MUDANÇA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/07/11

**A CIMEIRA DA LAGOSTA E O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/06/25

**A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/06/09

**A PROPOSTA “IRRECUSÁVEL” DE PUTIN PARA A DEFESA ANTIMÍSSIL DA EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/05/19

**A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]**

*Alexandre reis Rodrigues*

2007/05/15

**OS OBJETIVOS REAIS DO SISTEMA ANTIMÍSSIL NORTE-AMERICANO NA EUROPA**

*Marcelo Rech [1]*

2007/04/19

**DEVE O IRÃO SER APAZIGUADO?[1]**

*Francisco Jorge Gonçalves[2]*

2007/04/19

**THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]**

*Robert Hunter[2]*

2007/04/01

**A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/03/09

**UMA NOVA GUERRA FRIA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2007/03/04

**A DEFESA ANTIMÍSSIL DOS EUA ENCONTRA RESISTÊNCIAS NA EUROPA**

*Marcelo Rech[1]*

2006/12/27

**O FUTURO DAS ARMAS NUCLEARES**

*Alexandre Reis Rodrigues*

2006/12/11

**A DEFESA ANTI-MÍSSIL E A SEGURANÇA DA EUROPA[1]**

*Marcelo Rech[2]*

2006/12/11

**A LÓGICA DA POSSE DE ARMAS NUCLEARES [1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/03**

**O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES (TNP)[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/01**

**OS ANTECEDENTES DO ACTUAL REGIME DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/10/27**

**A GEÓRGIA E A NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/10/26**

**A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]**

*Miguel Moreira Freire[1]*

**2006/10/04**

**A EUROPA NOS PLANOS DOS ESTADOS UNIDOS**

*Marcelo Rech[1]*

**2006/09/11**

**O IMPASSE AFEGÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/08/28**

**O QUE FAZER COM O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/07/30**

**LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]**

*Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)*

**2006/07/20**

**AFEGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/07/18**

**O FUTURO DA NATO**

*António Borges de Carvalho*

**2006/07/17**

**A CIMEIRA DA NATO EM RIGA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/01/22**

**EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?**

*João Nuno Barbosa*

**2005/12/18**

**É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/11/29**

**NATO OU PESD? OU AMBAS?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/11/01**

**UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/10/06**

**O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/25**

**O ESCUDO DE DEFESA ANTI-MÍSSIL EUROPEU**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/15**

**A DES(ILUSÃO) DO SISTEMA ANTI-MÍSIL AMERICANO**

*Vera Gomes*

**2004/12/13**

**A NOVA OTAN?**

*Maria João Militão Ferreira*

**2004/09/08**

**DE NOVO O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTI-MÍSIL [1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/08/10**

**A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/04/08**

**O ALARGAMENTO DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/04/08**

**O ALARGAMENTO DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/03/24**

**O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTI-MÍSIL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/03/16**

**A NATO E O MÉDIO ORIENTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/01/07**

**A TRANSFORMATION EN LA OTAN**

*Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)*

**2003/12/03**

**A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/11/11**

**A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/27**

**AS CRISES DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/20**

**A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/09**

**A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/08**

**A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2001/10/12**

**O ESCUDO DE DEFESA ANTIMÍSIL**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2001/07/31**

**MISSILE DEFENSE INITIATIVE**

*Alexandre Reis Rodrigues*